

Al Portogallo

di Jorge de Sena

Questa è la fortunata mia patria amata. No.
Né fortunata, perchè non lo merita.
Né mia amata, perchè è solo matrigna.
Né mia patria, perché io non merito
la poca fortuna d'esservi nato.

Nulla mi lega o unisce ad una tanta bassezza
quanto questo rutto di glorie passate.
Ho là amici miei molto cari,
nostalgicamente là, ma sono amici
perché mi sono amici, e nient'altro.

Turpe escremento di romano impero;
bava di invasioni; salsedine sporca
di scolo atlantico; ridicola faccia
di melma, e di viltà,
di meschinità, di fatua ignoranza;
terra di schiavi, sedere in aria a sentir
stridere nella nebbia la nave dell'Occulto;
terra di funzionari e di prostitute,
tutti devoti del miracolo, casti
nelle ore libere di malattia occulta;
terra di eroi a peso d'oro e sangue,
e santi con spaccio di mercanzie varie
nel profondo della virtù; terra triste

alla luce del sole calata, imbellettata, vile,
piena di cortesie per gli stranieri
che lasciano monete e trasportano pulci,
oh pulci lusitane, per l'Europa;
terra di monumenti in cui il popolo
firma con la merda il suo anonimato;
terra-museo in cui si vive ancora,
con maiali per le strade, in case celtiche;
terra di poeti così sentimentali
che l'odore di un'ascella li manda in trance;
terra di pietre levigate, secche
come questi sentimenti di otto secoli
di furti e padroni, baroni e conti;
o terra di nessuno, nessuno, nessuno:
io ti appartengo. Sei prostituta, depravata,
sei più che una cagna in calore,
sei peste e fame e guerra e dolore del cuore.
Io ti appartengo ma esser mia, no.

A Portugal

*Esta é a ditosa pátria minha amada. Não.
Nem é ditosa, porque o não merece.
Nem minha amada, porque é só madrasta.
Nem pátria minha, porque eu não mereço
a pouca sorte de nascido nela.*

*Nada me prende ou liga a uma baixeza tanta
quanto esse arroto de passadas glórias.
Amigos meus mais caros tenho nela,
saudosamente nela, mas amigos são
por serem meus amigos, e mais nada.*

*Torpe dejecto de romano império;
babugem de invasões; salsugem porca
de esgoto atlântico; irrigória face
de lama, de cobiça, e de vileza,
de mesquinhez, de fatua ignorância;
terra de escravos, cu pró ar ouvindo
ranger no nevoeiro a nau do Encoberto;*

*terra de funcionários e de prostitutas,
devotos todos do milagre, castos
nas horas vagas de doença oculta;
terra de heróis a peso de ouro e sangue,
e santos com balcão de secos e molhados
no fundo da virtude; terra triste
á luz do sol calada, arrebicada, pulha,
cheia de afáveis para os estrangeiros
que deixam moedas e transportam pulgas,
oh pulgas lusitanas, pela Europa;
terra de monumentos em que o povo
assina a merda o seu anonimato;
terra-museu em que se vive ainda,
com porcos pela rua, em casas celtíferas;
terra de poetas tão sentimentais
que o cheiro de um sovaco os põe em transe;
terra de pedras esburgadas, secas
com esses sentimentos de oito séculos
de roubos e patrões, barões ou condes;
ó terra de ninguém, ninguém, ninguém:
eu te pertenço. És cabra, és badalhoca,
és mais que cachorra pelo cio,
és peste e fome e guerra e dor de coração.
Eu te pertenço mas seres minha, não.*